

**DISCUSSÕES DOS ESTUDOS DE GÊNERO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR:
PROBLEMATIZAÇÕES A FORMAÇÃO DOCENTE**

Andrea Geraldi Sasso, (IC, Fundação Araucária), UNESPAR/FECILCAM,
dreasasso@gmail.com

Fabiane Freire França, (OR), UNESPA/ FECILCAM,
prof.fabianefreire@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado ao programa de Iniciação Científica desenvolvido ao longo do ano de 2012 a 2013, cujo objetivo foi investigar as representações de gênero presentes nas práticas educativas da Educação Infantil, e nas séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública, municipal, da cidade de Campo Mourão/PR, e nesta direção, provocar maiores discussões sobre a temática principal, além de refletir sobre ações e possíveis propostas pedagógicas na escola.

Frente ao cotidiano reforçador de tipos de comportamento, posturas, maneiras de “ser” que podem gerar preconceitos, discriminações e desigualdades, deparamo-nos, muitas vezes com atitudes preconceituosas refletidas em sala de aula, ou no ambiente escolar, pois lidar com as representações (ideias) sobre assuntos como gênero, sexualidade, corpo, sexo, entre outras na escola, permiti-nos entender que não há respostas únicas, prontas e certas, mas sim, representações que se alteram e que se adaptam conforme os seus usos e circunstâncias do contexto histórico (HALL, 1997, p. 09, *apud*, WORTMANN, 2001). Diante disso, buscamos respostas ao seguinte questionamento: Como os estudos de gênero podem contribuir para uma formação continuada de docentes no âmbito escolar?

Para responder à principal problemática do trabalho, optamos pela vertente teórico-metodológica dos Estudos de Gênero com aporte teórico dos Estudos Culturais, que propõe problematizar o que é considerado natural e normal pela sociedade, práticas que possam ser evidenciadas na instituição escolar.

Envolvemos também neste trabalho, as discussões das literaturas de autores/as como Scott, (1995); Meyer, (2003); Louro, (1997; 2000; 2007); Jardim e Abramowicz (2005); França, (2009, 2011); entre outros/as, com o intuito de investigar as representações de gênero que circulam na prática educativa na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola de Campo Mourão/PR.

Para isso, dividimos em dois momentos a análise dos dados coletados. O primeiro momento, classificado como ‘Concepções sobre Gênero’, contempla as anotações em caderno de campo, das representações das professoras e funcionárias da instituição escolar, participantes do projeto de extensão, intitulado “A ação docente sobre o gênero no cotidiano escolar: implicações pedagógicas”, que envolveu 18 profissionais da escola observada, entre elas, a diretora, as pedagogas, professoras



das séries iniciais e auxiliares de serviços gerais que também demonstraram interesse em participar após o convite feito à escola. O segundo momento de análise concentra-se nas observações em sala de aula, classificada como ‘Espaços Produtores de Gênero’, marcado pela descrição das observações da sala de aula, da relação entre alunos/as e professoras e alunos/as sobre a dinâmica de gênero.

Diante da categorização e análise teórica dos dados, ficou evidente o binarismo nas falas e ações das professoras, demais profissionais e funcionárias das escolas, bem como nas ações dos alunos e alunas no cotidiano escolar. Destacamos também, que nossas concepções acerca do mundo e de nós mesmos/as estão pautadas em visões hegemônicas, nas relações sociais vivenciadas e construídas com base em parâmetros de normalidade.

DISCUSSÕES ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Ao refletirmos sobre o contexto social, no qual estamos inseridos, percebemos que há inúmeras práticas sociais que são divisoras, que por meio das relações de poder se concentram em “ajustar” os indivíduos em padrões pré-estabelecidos, tornando-os segundo Mesomo (2004, p.101) sujeitos que “incluímos e excluimos a nós e aos outros na vivência e na produção de práticas discriminatórias as quais alimentamos com nossa diferenciação”, reforçadas também pela educação escolar.

Podemos verificar que, ainda hoje, há muitos valores considerados tradicionais presentes dentro de uma lógica dicotômica que segundo Louro (1997, p.33) “[...] supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um pólo dominante e outro dominado – e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos”. A partir desta observação, podemos (re) pensar a educação escolar pelo olhar do gênero, pois:

[...] permite tecer novos caminhos no processo de ressignificação de categorias aparentemente universais. Há de se atentar para que as multiplicidades sejam observadas, visibilizando e compreendendo as relações mais finas, pois, ao estar imbricado com outras linhas, inclusive com a de classe social, o gênero não se coloca como categoria única. Assim, adotar o gênero pode indicar a possibilidade de romper com pensamentos binários que insistem em formas dicotômicas e hierarquizadoras, como branco ou negro; homem ou mulher; cultura ou natureza (JARDIM; ABRAMOWICZ, 2005, p. 96).

Ou seja, pensar a educação na visão de gênero possibilita discorrermos sobre as inúmeras maneiras de ser homem ou de ser mulher, suas identidades construídas dentro de relações recíprocas e ao mesmo tempo complexas, sendo preciso levar em consideração as mudanças que ocorrem na produção do gênero ao longo dos distintos momentos históricos e sociais. Diversas são as



representações sobre homens e mulheres e diversos são os papéis, padrões e regras atribuídos aos indivíduos que “[...] uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... [...]” (LOURO, 1997, p. 24). Por isso, é importante entendermos que na dinâmica do gênero “ser masculino” ou “ser feminina” são identidades “[...] sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” (LOURO, 1997, p. 27, grifo nosso).

Assim sendo, esta pesquisa demonstra outros olhares no que se refere à identificação e reconhecimento das representações de gênero. Compreender como o conceito de gênero é percebido, interpretado e transmitido, com o intuito de evidenciar que algumas de suas representações são colocadas como “certas” a serem seguidas e internalizadas pela sociedade e poderes vigentes. Entender que tais representações são construções humanas e sociais carregadas de interesses seria um caminho para questionar tais “verdades”. Por isso, uma de nossas propostas é evidenciar que as representações de gênero são muitas vezes (re) produzidas, também na instituição escolar, que desde a sua gênese separou os indivíduos, utilizando mecanismos de classificação, separando adultos e crianças, ricos e pobres, meninos e meninas, (LOURO, 1997).

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Para a realização desta pesquisa, priorizamos o referencial teórico metodológico da abordagem dos Estudos de Gênero com aporte teórico dos Estudos Culturais, que numa definição sintética da teoria, trazida por Silva (2011, p. 134) “[...] estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder”, ou seja, “[...] tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem [...]”. Para isso, a abordagem teórica propõe análises e intervenções sobre o que é considerado natural e normal pela sociedade e na instituição escolar.

Esta pesquisa, caracterizada como uma pesquisa-ação participativa (COSTA, 2003), nos permitiu a convivência com as participantes (professoras e funcionárias) do projeto de extensão, as observações em sala de aula e do ambiente escolar. Tais experiências nos propiciaram os dados necessários para o desenvolvimento desta pesquisa.

O projeto de extensão, desenvolvido pela universidade local (UNESPAR-FECILCAM) envolveu ao todo 18 profissionais, dentre elas, a diretora, pedagoga, professoras das séries iniciais e auxiliares de serviços gerais, que também demonstraram interesse em participar do grupo de estudos sobre gênero e sexualidade. Na condição de colaboradora do projeto de extensão foi possível levantar os dados necessários para a presente pesquisa.



Foram realizados no total oito encontros, quinzenais. O foco principal dos encontros foi à abordagem das discussões de gênero, sexo e sexualidade na sala de aula, com ênfase nas diferenças de homens e mulheres que podem se configurar como desigualdades nas esferas sociais. O fato, por exemplo, de mulheres ocuparem os mesmos cargos profissionais de homens, mas não terem o mesmo reconhecimento social (FRANÇA, 2009).

Foram realizadas observações em sala de aula (Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental) em uma instituição escolar pública da cidade de Campo Mourão/PR, onde atuam as profissionais participantes do curso, durante meio período (vespertino). Este projeto de extensão ocorreu no período de agosto a novembro de 2011. Foram utilizados registros em caderno de campo, com objetivo de levantar possíveis casos da desigualdade de gênero e usá-los nas discussões dos encontros com as participantes.

Também foram gravados em áudio e transcritos, todos os oito encontros com as profissionais juntamente com a equipe coordenadora do projeto. Além disso, buscou-se autorização da instituição para o uso das transcrições de todos os encontros na íntegra, cumprindo os termos éticos da pesquisa de não revelar a identidade das participantes.

Para análise, subdividimos os dados coletados, em dois momentos. Mediante as teorizações sobre as discussões de gênero, apresentaremos como primeiro momento de análise, as discussões do grupo de estudos, do projeto de extensão, que representa as concepções que os docentes abordam sobre as relações de gênero. O segundo momento perpassa as observações relatadas no caderno de campo, sobre as relações entre professores /as e alunos/as.

ANÁLISE DOS DADOS

As discussões em torno do gênero e suas representações ajudam a (re) pensar possibilidades de novos trabalhos e discussões que possam auxiliar e vir a complementar o trabalho docente frente às dúvidas e conflitos de seus alunos e alunas. Inúmeras são as situações, como observadas durante a realização deste projeto, em que sujeitos, de forma intencional ou não pré-julgam os papéis, comportamentos, pensamentos que não seguem os padrões estabelecidos. Um exemplo disso é quando escutamos certas expressões sobre a mulher, que na maioria das vezes, ainda é vista nesta sociedade como a frágil fisicamente, sem defesa, apelidada de o sexo frágil. Enquanto o homem é visto como aquele que se sobressai pela coragem, força e o vigor sexual. Exemplos como estes, mostram que os estereótipos ligados ao gênero são reforçados “[...] por práticas divisoras de sujeição, conseguidas pelas relações econômicas, pelos hábitos e tradições e, também, pela educação” (MESOMO, 2004, p. 101).



Diante disso, subdividimos a análise dos dados em dois importantes momentos: anotações das representações das participantes durante o projeto de extensão, observações nas salas de aula, que foram categorizadas na sequência.

O primeiro momento de análise contempla as anotações em caderno de campo das representações das participantes professoras e funcionárias da escola, tendo como ponto de destaque as ‘Concepções sobre gênero’.

No grupo de estudos foi relevante perceber os tipos de representações que aparecem nas falas das professoras/as e funcionárias como padrões. A questão é que tais padrões, de modo direto ou indireto, refletem na identidade de cada um, explicando assim, como se forma o *ser*, o que se quer *ser*, como *ser*, pois não há dúvidas de que em diferentes lugares, exigem-se diferentes comportamentos, aceitáveis e os não aceitáveis, influenciados por diversas instituições como a mídia, a política, a família e, sobretudo, a escola. É neste contexto que enfatizamos a opinião das participantes ao serem questionadas sobre os padrões de gênero:

Coordenadora¹: Na sociedade nós temos muito demarcado a relação de que os homens “são” o que as mulheres não “são”. Há diferenças pra vocês? As participantes respondem que são muitas as diferenças. A Coordenadora questiona: - Quais as diferenças Ana? Ana responde que “as mulheres são sensíveis e os homens são insensíveis”. A partir destas questões a coordenadora faz uma proposta: “Por conta dessas diferenciações eu vou pedir a vocês que escrevam neste papel, por gentileza. Nessa folha, escrevam as qualidades que são consideradas de homens e as qualidades que são consideradas de mulheres”. A participante Joana pergunta: “Ah meu Deus! Pode ‘por’ defeito?” Fernanda questiona: “Só as qualidades? Quantas?” Carol expõe sua opinião: “Eu coloquei assim oh! Delicada, sensível, emotivas; homem racional, objetivos”. Sara complementa: “Responsáveis”. Helena contrapõe dizendo: “Nem todos ‘né’, mas as mulheres também são”. Denise: “A mulher é muito detalhista com as coisas, elas se emocionam, a mulher se preocupa com duas ou até mais coisas ao mesmo tempo: trabalho, com quatro filhos ou com alguma outra coisa”, Carol: “Ela consegue conciliar”. Paula: “É ela tem essa versatilidade”. Denise: “O homem simplifica mais as coisas”. (Trecho extraído da transcrição em áudio do 7º encontro – novembro/2011).

Notamos dúvidas e inquietações por serem essas qualidades também características “próprias” e pessoais que foram incorporadas ao longo do tempo sem tantos questionamentos, como mulher delicada e homem forte. Explicitamos durante os encontros a necessidade de percebermos outras qualidades tanto de homens quanto de mulheres, permitindo com isso, a oportunidade das participantes falarem de suas experiências no cotidiano da instituição escolar, elencando inúmeros fatos e determinados comportamentos ligados à temática que permeia o trabalho escolar.

¹ As falas são diferenciadas das citações pela sua inserção em quadros com um formato em letra menor. Em alguns momentos são utilizados trechos das falas inseridos no corpo do texto identificado por aspas duplas. Todos os nomes citados são fictícios.



Assim, professores/as, educadores/as como sendo os principais referenciais do conhecimento científico, segundo Santos e Araújo (2009, p. 15) tornam-se:

[...] referenciais da discussão sobre sexualidade na escola, pois podem optar por: não discutir, abstendo-se do “problema” (que não deixará de existir); [...] ou, ainda, problematizar de forma mais crítica a discussão da sexualidade para além da prevenção e promoção da saúde, considerando a intencionalidade e as relações de poder existentes na produção dos saberes.

Observamos, neste contexto, que valores permeiam as ideias que professoras/es carregam ao longo da vida, e que muitas vezes, são esses valores que são transmitidos nos conteúdos escolares e que delineiam construções de identidades dos/as estudantes. Muitas vezes estes valores reforçam os estereótipos para continuar mantendo a descrição dos sujeitos “normais” e “anormais” na sociedade, assim, aprovados ou não por alunos/as, tais valores penetram na nossa cultura e começa nos parecer natural, normais, uma verdade.

Estes valores podem ser percebidos em uma das afirmações feita pelas participantes quando consideram ser a mulher “[...] Delicada, sensível, emotiva;” e o homem “racional, objetivo”, fixando ainda mais a visão já aceita e sempre reafirmada no meio social desta sensibilidade feminina e a objetividade masculina como uma visão dualista e binária.

Observamos, neste contexto, que valores permeiam as ideias que professoras/es carregam ao longo da vida, e que muitas vezes, são esses valores que são transmitidos nos conteúdos escolares e que delineiam construções de identidades dos/as estudantes. Muitas vezes estes valores reforçam os estereótipos para continuar mantendo a descrição dos sujeitos “normais” e “anormais” na sociedade, assim, aprovados ou não por alunos/as, tais valores penetram na nossa cultura e começa nos parecer naturais, normais, uma verdade.

E no segundo momento de análise, percebemos nas observações em sala de aula, um ‘Espaço Produtor de Gênero’, ou seja, práticas cotidianas e dinâmicas de (re) produção de comportamentos e identidades de gênero, ora entre alunos/as ora na relação das professoras com os alunos/as. Seguem alguns exemplos de trechos extraídos dos relatórios de observação:

Logo após todos entrarem na sala para o início da aula, a professora diz a uma das alunas ‘ta parecendo moleque fazendo bagunça’, a aluna olha atentamente para a professora e senta. (Trecho extraído do relato de observação – outubro/2011).

Neste exemplo, podemos analisar as construções sociais da ideia em torno do que esperar do masculino e do feminino. Ao encontro destas representações Auad (2006, p. 33) destaca que a “[...] a imagem de ‘bagunceiros’ ou ‘ameaçadores da ordem’,” são termos muitas vezes instituídos como característica dos meninos, com isso, remete-se a ideia de que o comportamento da aluna, segundo a



professora, estava fora da disciplina tida como uma das características femininas, além de outras características como “[...] obedientes, cuidadosas, que trabalham duro e asseguram a ordem, sem jamais subvertê-la.” (AUAD, 2006, p. 35).

Em outro exemplo observado:

De repente, uma das meninas diz para outra em voz alta: - A cueca dele (apontando para um dos meninos) ‘ta’ aparecendo. O menino percebe e fica sem graça. A professora escuta o comentário e pergunta a todos: - ninguém usa cueca ou calcinha? Só ele? (todos ficam em silêncio) e completa: - Pensei que era novidade! E prossegue a aula. (Trecho extraído do relato de observação – outubro/2011).

Diferentemente dos exemplos citados acima, neste, podemos observar a abordagem da professora frente ao comentário da aluna para o colega e de como o assunto deu-se por encerrado de uma maneira pontual. Destacamos por meio deste exemplo como comentários que poderiam vir a constranger nossos/as alunos/as, podem de uma maneira simples, serem problematizados por nós professores/as.

E para atender a um dos objetivos de nossa pesquisa, apresentamos alternativas de propostas pedagógicas², com intuito de desconstruir possíveis paradigmas sobre as questões referentes ao gênero e de abordar a temática na instituição escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos possibilitou questionar e perceber as relações de poder intrínsecas na figura do gênero como norma social, cultural e histórica, construída a ser seguida ao longo do tempo pela imposição binária entre o dominante/dominado, e refletidas nos papéis e características ditas masculinas e femininas. Por isso, a categoria gênero carrega ao longo do tempo atribuições hierarquizadas, estereótipos e marcas que são impostas e repassadas a gerações, seja por meio das mais variadas formas de linguagem possíveis, e em instâncias duradouras como, em casa, na mídia, na igreja e na escola.

Diante das análises dos dados coletados, reafirmamos a necessidade de se estudar a relação e contribuições dos Estudos de Gênero na educação escolar, pois nos dois momentos analisados nesta pesquisa, grupos de estudos de professores e salas de aula, notamos representações que normatizam e

² Sugestões de propostas: o uso de materiais teóricos e didáticos, como, a literatura infantil: Faca sem ponta galinha sem pé, da autora Ruth Rocha (2009), Ceci tem pipi? Do autor Thierry Lenain (2004), vídeos: Era uma vez outra Maria (2006) e Minha vida de João (2001), filme: Billy Elliot (1999), para serem utilizados em sala de aula com os alunos. Sugerimos ainda outras leituras dentre elas: (MESOMO, 2004; SCOTT, 1995), documentos (GOMES, 2007; BRASIL, 2007), livros (SILVA, 2004; LOURO, 1997; MEYER e SOARES, 2004), entre outros, para maior aprofundamento teórico sobre o assunto.



padronizam a identidade de meninos e meninas. Em contrapartida, evidenciamos que pensar a educação na visão do gênero é possível, e permite problematizar possíveis situações que surgem no decorrer do cotidiano escolar, seja dentro ou fora da sala de aula.

Em vista disso, ficou marcado nas discussões durante o curso que tanto a identidade do homem quanto a identidade da mulher são de fato incorporadas ao longo da vida de acordo com o que a sociedade propõe, mediante as relações sociais de ensino e de aprendizagem, que estão presentes no ambiente escolar. Porém, se por um lado, a escola (re) produz desigualdades de gênero, corpo e sexualidade, de outro lado, ela pode ser um ambiente que desenvolva discussões pertinentes sobre essas questões, por meio de propostas pedagógicas e de um processo de tomada de consciência dos sujeitos que a frequentam, ou seja, a comunidade como um todo, sobre seus pensamentos e ações.

Há caminhos possíveis de discussões e problematizações nas intervenções pedagógicas dos/as professores/as em sala de aula, sim, quanto à relação dos Estudos de Gênero na instituição escolar, não somente, através da formação continuada de professores/as, mas contar com o envolvimento de toda equipe escolar (diretor/a, pedagogo/a, funcionários gerais), como observado durante o processo da realização do projeto de extensão é importante estratégia, pois, todos podem intervir em novas situações que estão presentes cotidianamente, em brincadeiras, conversas informais e formais com os alunos/as, dentro ou fora da sala de aula, possibilitando desconstruir quaisquer (re) produções e/ou (re) construções em torno do que esperar do 'ser' masculino e do 'ser' feminino.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL, Secretaria da Educação. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Caderno SECAD 4. Brasília, 2007.

BILLY ELLIOT. Produção de Stephen Daldry. Reino Unido, Working Title Films, 1999. (DVD). Duração: 1h 51min.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa HESSEL; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 36- 61. Mai/ Jun/ Jul/ Ago, 2003.

ERA UMA VEZ OUTRA MARIA. Produção de ECOS (Comunicação em Sexualidade) em parceria com Instituto Pro mundo, Instituto PAPAI, Salud Gênero, World Education. São Paulo, 2006.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6MEHILL1EZg>> Acesso em: 11, julho, 2013, 15h15min.

FRANÇA, Fabiane Freire. **A contribuição dos estudos de gênero a formação docente: uma proposta de intervenção**. (123 p.) Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR, 2009.

_____; CALSA, Geiva Carolina. **As contribuições dos estudos de gênero e sexualidade no cotidiano escolar dos docentes**. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST40/Franca-Calsa_40.pdf>. Acesso em: 02, Abril, 2011, 15h30min.

- _____; CEZAR, Kelly Priscilla Lóddo. CALSA, Geiva Carolina. **Nova Proposta de educação na Primeira República brasileira: A Co-Educação dos Sexos.** Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art10_27.pdf>. Acesso em: 02, Abril, 2011, 15h20min.
- _____; CALSA, Geiva Carolina. **Gênero e sexualidade nas séries iniciais da educação básica: uma proposta de reflexão a formação docente.** Revista da Católica, Uberlândia, v. 3, n. 6, p. 301- 312, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- JARDIM, Silvia Regina Marques; ABRAMOWICZ, Anete. Tendências da produção paulista sobre gênero e educação: um balanço de dissertações de mestrado. **Estudos RBPB**, v. 2, n. 3, p. 93-117, mar. 2005.
- LENAIN, Thierry. **Ceci tem pipi?.** Cia das letrinhas, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-34, 2007.
- MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosangele de Fátima Rodrigues (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade.** Porto Alegre: Mediação, 2004.
- MESOMO, Aliandra Cristina. Educação e Infância: Ensaio sobre poder e controle. **Nuances: estudos sobre educação**, São Paulo, v. 11, n. 11/12, p. 99-113, jan./jun. e jul./dez., 2004.
- MINHA VIDA DE JOÃO.** Produção de ECOS (Comunicação em Sexualidade) em parceria com Instituto Pro mundo, Instituto PAPAI, Salud Gênero, World Education. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LESrHIGGon8>> Acesso em: 11, julho, 2013, 15h30min.
- POSSENTI, Sirio. O eu no discurso do outro ou a subjetividade mostrada. **Alfa**, São Paulo, v.39, n.1, p.45-55, 1995.
- ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta, galinha sem pé.** Salamandra, 2009.
- SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; ARAÚJO, Débora Cristina de. **Sexualidades e Gêneros: Questões Introdutórias.** Sexualidade. SEED/PR, p. 13-27, 2009.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais. **Pro-Posições**, v. 12. n. 1 (34), p.151-161, março, 2001.